

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte | PORTUGAL E COLONIAS | Franco de porte
Anno ou 24 numeros 25000 | Trimestre ou 6 numeros 8000
Semestre ou 12 numeros 15000 | N.º avulso ou pago à entrega 6120
ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS
Anno ou 24 numeros 25000 | Semestre ou 12 numeros 15000

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 46

15 DE NOVEMBRO 1879

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
LISBOA—43, RUA DO LORETO, 43—LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

AVISO

Com o n.º 46 d'este jornal é distribuído um supplemento gratis a todos os actuaes srs. assignantes e correspondentes.

Tambem teem direito a este supplemento, todas as pessoas que tomarem a assignatura pelo corrente anno.

Para os compradores avulso o preço do supplemento é de 400 réis e com o jornal 500 réis. O jornal só 120.

tade de rasgar os versos que por ventura tenha lido, ou mesmo praticado, passando antes a fazer epicedios à primavera, que na verdade, está sendo entre nós uma estação muito mais fu-

nebre do que cantada por todos os sentimentalistas do segundo quartel d'este seculo!

A missão das duas estações está evidentemente trocada. No outono é que brotam, por exemplo, os parlamentos, caindo de ordinario na primavera. Os governos desfolham-se tambem em abril, e quando chega a maio é raro a flôr de rhetorica parlamentar que não tenha murchado. Pelo contrario, agora em pleno novembro as campinas acham-se todas matizadas de manifestos aos eleitores, e os aldeãos, colhem aos braçados, como *esperanças faqueiras*, as rozas que os candidatos semearam em volta da urna.

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO EM 1879

SECÇÃO DE BELLAS-ARTES



SAPHO — Esculptura do Simões d'Almeida, premiada e offerecida pela Companhia Fomentadora a S. M. o Imperador do Brazil (Desenho do mesmo auctor)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Marquez de Herval, PINHEIRO CHAGAS — Africa, o tenente Lourenço da Rocha no Dahomé em 1878-1879, ALBERTO DE CERVAES — As nossas gravuras — Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas, LUIZ REBELLO — Ensaio e noticias scientificas, Constituição physica do sol, H. DE MACEDO — Justiça... e justiça, a Camillo Castello Branco, SILVA RAMOS — Bibliographia.

GRAVURAS. — Exposição portugueza no Rio de Janeiro em 1879, SAPHO, esculptura do Simões de Almeida, premiada e offerecida pela Companhia Fomentadora a S. M. o Imperador do Brazil — Marquez de Herval — Cachoeira grande de Manáos, no Alto Amazonas — Raphael Zacharias da Costa — Copo de prata cinselado por Zacharias da Costa, pertencente a S. M. El-Rei D. Fernando — A prova do vinho novo, quadro de M. M. Boddallo Pinheiro, pertencente a S. M. El-Rei D. Fernando — Inundações em Hespanha, Aspecto de uma rua de Murcia por occasião das inundações de 15 de outubro — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

O outono d'este anno parece estar resolvido a desmentir profundamente uma tradição vulgar nos semanarios e nos almanaks portuguezes, de que era elle, como estação, a quadra mais triste e mais melancholica de que rezava a meteorologia lyrica do nosso paiz.

De feito, nada mais glorioso, mais alegre e mais triumphante, do que um d'esses esplendidos *por do sol*, que nas ultimas tardes teem illuminado de vivas irradiações a superficie espelhada do Tejo! Chega a gente a ter von-

Estamos n'um perfeito idyllio constitucional. Falta apenas que alguns dos circulos ultramarinos elejam um Florian para o cantar, e que os candidatos eleitos tenham coração para o sentir.

Oh, não de ter! Era realmente impossivel que o suffragio não tivesse preferido os mais aptos para conhecer a fundo todas as relações que se dão entre a sociedade moderna e o *sol posto*. Isso não era elle capaz de fazer porque o suffragio, tal qual existe entre nós, possui em alto grau a comprehensão dos seus deveres, e seria capaz de desprezar os problemas sociaes que se recitam ao piano.

S. Carlos, n'este transe, para corresponder por todas as fórmulas ao seu alcance, á confiança dos poderes publicos e justificar o subsidio que no orçamento do estado lhe está consignado de ha muito, ministrou á sensibilidade publica duas das mais celebradas peças do repertorio romantico, duas paginas cheias de paixão e de dôr, duas das lamentações lyricas com que mais se compraz a alma do funcionalismo e o coração dos corpos constituídos, que todas as noites se reclinam negligentemente nas cadeiras em que o paiz inteiro se senta na pessoa d'elles a accoirmos a theoria em virtude da qual se explicam todas as ajudas de custo que as bolças de uns pagam para deleite das almas de outros.

S. Carlos deu-nos a seguir a *Traviata* e a *Favorita*, como que arrependido do arrojado de ter enocetado a epoca lyrica pela musica, sabia e pensada, da *Africana*. Julgou que tinha peccado e tomou Verdi e Donizetti como

correctivo a Meyerbeer. Todavia a *Favorita* ainda é das paginas que se não renegam. Evidentemente ha ali um quasi nada mais do que uma simples puerilidade; ha paixão; ha um pedaço d'alma e de que alma? Da alma d'um d'esses desolados sublimes, que embalaram com os seus cantos doloridos uma geração inteira, e que baixando ao tumulto levaram consigo o segredo de muitas vibrações celestinaes! Não lhe devemos querer mal por isso. Um regimen aturado da enervante e doentia musica do romantismo teria feito, por inteiro, do nosso seculo um seculo de Lenoras e de Arthurs. Fez ainda bastantes mas teria feito muito mais, ao que obsteu o destino, permittindo que as fronte enramadas de louros d'esses ternos *inspirados* fosse descançar dentro dos sarcophagos de marmore que os filhos da *saudade* ainda hoje cobrem de rosas.

Na *Favorita* reapareceu em S. Carlos uma bella cantora de outros tempos, a Fricci, prima-donna de busto escultural, talhado pelos melhores modelos theatraes. Entre a vez primeira que a Fricci pisou o tablado de S. Carlos e a ultima, passaram-se, ao que supponho, coisas extraordinarias. As mais elegantes platéas lyricas juntaram-lhe o caminho de rosas, os emprezarios disputaram-na por altos preços, os jornaes specialistas disseram d'ella as coisas mais lisongeiras, as partituras dos maestros regalaram-se de a ter por interprete. De todos estes casos tivemos noticia de longe. A Fricci quando cá veiu a primeira vez era uma *aurora*, como não podia deixar de dizer algum noticiario da epoca; n'este momento é apenas um crepusculo. O que S. Carlos nunca viu com relação a esta prima-donna foi o dia claro.

Diga-se, entretanto, que o crepusculo que n'este instante inspira a *saudade*, quanto mais não seja, na alma dos *diletanti*, ainda tem certos encantos, se bem que não provoqe as manifestações ruidosas de ha vinte annos, que todavia tendem a desaparecer dos theatros lyricos do mundo.

Diga-se o que se disser, o *naturalismo* vae sendo professado instinctivamente pelo publico. E a prova é o frio convencionalismo que hoje reina nos theatros, e especialmente nos theatros de opera. Com todos os recursos accumulados de que dispõem, com o canto, com o scenario, com o traje, com os grandes apparatus scenicos, não conseguem produzir o arrebatamento que um actor ou um orador conseguem simplesmente com a palavra.

Atenda-se, por exemplo, como todas as grandes creações tragicas e dramaticas estão expressadas na opera de uma forma inferior á concepção. O *Fausto*, o *Rigoletto*, o *Ruy-Blas*, o *Macbeth* e tantas outras. Que impotencia os maestros não revelam aqui a par dos poetas!

E como o Rossi, o Salvini, a Ristori podem, simplesmente com a palavra e com o gesto, dar vida a estes vultos, electrizando as multidões, e como elles ficam, pequenos e acanhados, frios, na pessoa de um cantor, por melhor que os tente reproduzir com acompanhamento de orchestra!...

Evidentemente o futuro da musica será symphonico. Meyerbeer marca já o ponto da transição. Haja vista como elle se sobreleva a si proprio quando joga com as grandes massas coraes e instrumentaes como, por exemplo, no soberbo coro dos *Huguenotes*.

Deixemos, entretanto, que o resto dos tenores e das primas-donnas expire, o que não levará talvez muito tempo, para entrarmos n'essa phase mais positiva da arte.

— Alguns livros enfileirados adiante da chronica, reclamam uma simples menção, quanto mais não seja. As *Notas de Viagem* do sr. Ramalho Ortigão chegam de uma viagem de longo curso, de Paris ao Rio de Janeiro, aonde foram impresas e publicadas primeiro em excellentes folhetins na *Gazeta de Noticias*. O volume que temos presente, encerra descripções e apreciações de Paris, e especialmente da ultima exposição. E' escripto n'aquelle estylo nítido, vigoroso, elegante, que dá á nota exacta da paisagem, o tom do colorido, a impressão do aspecto, com a justeza geometrica que cons-

titue a conquista por excellencia dos modernos prosadores como Zola e Flaubert.

Se é admiravel fazer um bello quadro, surprehender a vida da natureza, com o simples auxilio de algumas tintas, ainda o é mais fazer isso unicamente com o auxilio d'uma tinta só.

Ora um quadro, uma scena das ruas, uma vista dos campos, vivem mais n'um trecho de prosa de Ramalho Ortigão do que na tela de muitos pintores.

As *Notas de viagem* estão cheias d'estes prodigios de potentissima descripção.

— A *Historia de Portugal*, em dois volumes, pelo sr. Oliveira Martins, saiu ha pouco do prelo. Não é um simples rol de reis e rainhas com a data em que foram nascidos e mortos, e os signaes particulares que os distinguiram uns dos outros. E' uma serie de quadros pittorescos, animados, vivos, flagrantes, escriptos n'um tom desceremonioso, que ha de obrigar os grandes personagens fallecidos a bater muros de indignação na tampa dos seus sarcophagos, e muitos chronistas antigos a arrancar dos craneos carcomidos punhados de cabelle que nunca tiveram.

Esta *Historia de Portugal* é uma das que se pode ler com mais aprazimento, como se pode ler um interessante romance, ou uma descripção de viagem n'um paiz ignorado. Mostra as cousas por um aspecto novo e altamente interessante. Lê-se d'um folego, deixando comprehender perfectamente que se este methodo de escrever historia fosse adoptado como é comprehendido, o historiador podia substituir perfectamente os lyceus.

Mas, enfim, estas poucas palavras não são um juizo nem mesmo uma opinião fundamentada. Isso fica para outro logar. São, quando muito, um simples *annunciação* que a chronica deve ás distinctissimas qualidades do auctor.

— Entre as varias inundações que se annunciam, a dos congressos parece ser a que mais preoccupa n'este momento os poderes publicos. O congresso antropologico e o litterario já tem guarida destinada. A Academia das Sciencias presta-se a abrigal-os debaixo dos seus tectos, o que não impede que elles possam admirar o *céu azul* que é no fim de contas a peça mais rica que possuímos, e aquella que de preferencia apontamos á contemplação do estrangeiro.

E sendo o melhor que temos é todavia o que menos peza no orçamento!

Não seria possivel substituir o resto das instituições por *céu azul*?

Entretanto que o congresso não venha em dias de chuva nem de eleições deve ser o desejo de todos os bons patriotas, que desejam ver o seu paiz figurando vantajosamente diante dos estranhos.

Em abril ou maio é uma excellente epoca. Os vinhedos estão verdejantes, as campinas atapetadas de papoulas, as madressilvas cobertas de flores, e o parlamento fechado. Pouco mais será preciso.

GUILHERME D'AZEVEDO.

MARQUEZ DE HERVAL

Vão caindo um a um os heroes da guerra do Paraguay; já não são muitos os que restam da pleiade de generaes intrepidos, que immortalisaram o seu nome e o nome do Brazil, nas margens dos opulentos rios da America do Sul.

E comtudo a campanha terminou apenas ha nove annos, mas os annos de campanha não os conta só dobrados a nação no livro dos serviços militares, conta-os tambem 'dobrados a Providencia no livro mysterioso da vida humana.

E que campanha foi essa, a do Paraguay! Nós que de longe seguimos apenas no mappa as peripcias da lucta, sentiamo-nos inclinados a dar, toda a nossa admiração a Lopez, e a pamar de que tamanho imperio, como o do Brazil, annos e annos estivesse immerso na lucta com uma republica relativamente microscopica.

Pois foi uma lucta de gigantes, porque a republica do Paraguay não era simplesmente uma nação bellicosa, era um acampamento, e as nações, por pequenas que sejam, não podem deixar de ser, confessemol-o, acampamentos enormes.

O Paraguay fôra educado pelos jesuitas, que ali dominaram, para o papel de docil instrumento de qualquer ambição gigante. Foi-o por algum tempo da ambição dos filhos de Santo-Ignacio, foi-o no nosso seculo da ambição dos Francias e dos Lopez.

E o systema era o mesmo: a immobilisação, a sequestração do resto do mundo, onde actuavam livremente as correntes poderosas do progresso humano, a dedicação fanaticca instillada nos espiritos pela educação perseverante.

Para avaliar bem a campanha, é necessario conhecer assim o Paraguay, é necessario comprehender este producto singular da educação dos jesuitas, do despotismo de Francia que fizera do paiz em que foi dictador um claustro immenso, e da autocracia dos dois Lopez.

O Brazil, as republicas Argentina e de Montevideu chamavam ás armas os seus exercitos, as suas reservas, e enviavam-n'os a combater pela patria, enquanto nas cidades do Prata e do Amazonas, nas margens da bahia de Nitrohy e da bahia de Todos os Santos, continuava na sua azafama regular o movimento da civilisação.

O Paraguay sombrio e resolute estava todo em armas: homens, mulheres, velhos e crianças; e diante d'essa Numancia enorme, d'essa Sagunto estupidamente heroica, iam estrellar-se com raiva impotente os regimentos do Brazil, como diante das muralhas das duas velhas cidades hespanholas as hostes de Carthago e os legionarios de Roma.

E era só isso? E aquelle clima mortifero? e aquelles arraiaes paludosos? e a má vontade dos alliados? e a transformação de um exercito em pé de paz, como o tem as nações que não aspiram á gloria de conquistadoras, para o pé de guerra, e aquelle rio traiçoeiro e sinuoso, rio de cem voltas, em cada uma das quaes se erguia uma fortaleza petrechada com tudo o que inventou de mais perfeito a moderna sciencia da guerra?

Ah! o Brazil atravessou n'esse momento uma crise terrivel e quasi desesperada! Succumbir diante da pequena republica! Era impossivel, ninguem acreditaria na Europa na existencia d'esse antro de leões selvagens em plena civilisação, em pleno seculo XIX.

Por isso perseverou heroicamente, furiosamente e venceu! Saiu da crise mais vigoroso do que nunca! tendo consagrado no fogo das batalhas o pendão auri-verde, voltando para o convívio pacifico do mundo moderno, embellezando com as cicatrizes do combate, do combate pela civilisação, da heroica batalha da luz contra a resistencia das trevas.

E apertava mais os laços da unidade brasileira, que não ha como a camaradagem da lucta para estreitar as affinidades nacionaes. Os Paraenses e os Rio-Grandenses, os filhos do Equador e os filhos dos Pampas, os Paulistas e os Pernambucanos, saíam da prolongada guerra mais do que patricios, irmãos de armas, vendo no pendão auri-verde não só o symbolo abstracto de uma nacionalidade, mas a imagem sublime da patria, a cuja sombra combatiam e morriam, a bandeira sagrada que tremulava ao sopro ardente das batalhas, e em cujas prégas ao enfunar-se o vento parecia cantar, como nas cordas de uma harpa heroica, ou de um melancholico alaúde, as tradições da patria e as saudades infinitas do lar.

Por isso o Brazil preza acima de tudo as memorias d'essa guerra, por isso corôa de applauso enthusiastico os heroes sobreviventes, por isso hontem ainda se inclinou, choroso, n'uma imponente manifestação de dôr e de saudade, diante do tumulto em que se escondia o vulto do intrepido Osorio.

Elle fôra, acima de todos, o general legendario, o que passára o Paraná debaixo do fogo do inimigo, o que ensinára a ser soldados os

cidadãos pacíficos do Brazil, o homem que, passando por diante d'essa turba de voluntarios que nunca tinham visto o fogo, representava na sua serenidade risonha e intrepida, na sua familiaridade soldadesca, a tradição militar do imperio, o valente aureolado pelos reflexos da gloria de Cezeros, que estava na batalha como no seu natural elemento, e nos arraiaes como na sua predilecta residencia.

Teve muitos generaes brilhantes o Brazil na campanha do Paraguay: o barão do Triumpho, esse Murat americano, cuja espada se via scintillar sempre no turbilhão das cargas de cavallaria, o duque de Caxias, esse veterano das guerras americanas, o conde d'Eu transportando para as regiões do Novo-Mundo a tradição orleanista de Argel, o visconde de Pelotas, a quem a sorte reservára a gloria de dar, com a morte de Lopez, o epilogo á epopea paraguaya, e muitos outros cujos nomes não posso agora lembrar, mas Osorio foi sempre o general querido do soldado, o homem que lhes inspirava confiança, o «seu marechal», o seu chefe predilecto. O soldado é mais justo do que se pensa geralmente. Não o deslumbra o successo, sabe discriminar o verdadeiro merito, e assim como o soldado francez sempre teve por Canrobert o maximo respeito, apesar de não ter sido elle que tomou Malakoff, assim o soldado brasileiro manifestava sensível predilecção por Osorio, apesar de não ter sido elle que entrou em Assumpção.

As limitadas dimensões d'este artigo não nos permitem traçar a biographia, que demais já appareceu em muitos periodicos, do intrepido general. Preferimos esboçar, ao correr da pena, essa brilhante physionomia, que ha pouco tempo excitou successivamente no Brazil dois grandes movimentos — um de enthusiasmo quando foi chamado ao ministerio, outro de dor quando a morte de subito o prostrou.

E fazia-lhe justiça o Brazil, porque a espada do marquez de Herval, que pesou tanto na balança dos destinos da guerra para gloria do seu paiz, nunca pesou na balança da politica para oppressão da liberdade.

Esta é a gloria mais resplandecente talvez do heroico marquez de Herval. A sua espada foi solicitada pelas revoluções, nunca saíu da bainha para ir affrontar a constituição do imperio. Como a de Washington, esteve sempre ao serviço da sua patria, nunca ao serviço das facções. Mais ainda, entrando agora n'um ministerio, forçado pela situação financeira do Brazil a fazer largas reduções na despeza publica, era elle o primeiro a propôr a redução do exercito, embora lhe sangrasse o coração, embora isso podesse attenuar a sua popularidade nas fileiras, embora fosse o seu prestigio e a gloria do seu nome que aureolassem o ministerio de que fazia parte. Um general, que fizesse da sua gloria bandeira de pretorianos, tudo faria menos licenciar as suas cohortes, o marquez de Herval, que queria o exercito para servir o paiz, e não o paiz para sustentar o exercito, não hesitou em fazer esse necessario sacrificio.

E' porque o marquez de Herval, como Grant na America do Norte, lembrou-se que era cidadão antes de ser soldado, e a sua gloria é tanto mais pura quanto nunca foi um perigo para a liberdade brasileira. Os Bonapartes e os Cesares, esses raios da guerra, conquistam todas as corôas, com que pôde cingir uma fronte victoriosa o enthusiasmo de um povo, ha só uma que lhes falta, a mais simples, mas a mais gloriosa aos olhos de um homem livre, a corôa cívica, a singela corôa de folhas de carvalho.

Contou-me um dos meus amigos, que o foi tambem de José Estevão, uma phrase, brilhante na sua simplicidade, do grande orador portuguez. Subira em 1839 ao poder o ministerio, presidido pelo duque da Terceira e apoiado por José Estevão. Houvera no ministerio do reino uma reunião da maioria, e José Estevão traçára n'um rapido esboço o elogio do novo governo. «Sobretudo estimo, dizia elle, o marechal duque da Terceira, porque é um soldado valente e um cidadão pacífico».

com o elogio o intrepido velho, que d'ahi a poucos mezes descia ao tumulo. E razão tinha para se deliciar. Nas livres sociedades modernas é este o maior de todos os elogios, é a maior homenagem que podem prestar a um victorioso aquelles que prezam a sua dignidade de homens e de cidadãos. A gloria, como o azul do céu, só é brilhante quando é pura. Os golpes de estado e as sedições, em que resplandece a espada dos Bonapartes, são, como as nuvens purpuras do occaso, a um tempo mancha e esplendor.

Não as teve na sua vida o heroico marquez de Herval. A sua espada serviu a gloria e a liberdade do seu paiz, não a sua ambição pessoal nem os interesses dos corrilhos. No seu tumulo pôde-se inscrever como epitaphio, digno de um guerreiro liberal, a phrase sublime com que José Estevão definiu o duque da Terceira: «Foi um soldado valente e um cidadão pacífico.»

PINHEIRO CHAGAS.

AFRICA

O TENENTE LOURENÇO DA ROCHA
NO DAHOMÉ EM 1878-1879

III

As mulheres do rei do Dahomé — As Amazonas — As caçadoras de elephantes — A hospitalidade e a prisão em Abomé — A importância das regiões a oeste das bocas do Niger — Mercadores arabes nos bazares de Abomé — Comunicação com o Niger central — Tambuctu a grande cidade do Sudam.

O rei do Dahomé é servido por mulheres, e as mulheres do rei são, em Abomé, objecto do maior respeito. Às vezes transpõem as portas do muro de terra que fecha o recinto da habitação, mas as da frente gritam; *hosai! hosai!* e todos se afastam, curvando-se e desviando as vistas, com temor de serem castigados se as olharem. Outras vezes precede-as um moleque fazendo vibrar uma longa chibata e bradando: *baja! baja!* para que, de longe já, possam afastar-se os que passam. As proprias escravas, encarregadas dos mais infimos serviços na habitação do rei, trazem ao pescoço uma grande campinha, para que os homens, ouvindo-a, fujam do caminho que ellas seguem.

Os poucos homens empregados no serviço pessoal do rei bebem, em pequenos, heberagens que, segundo a opinião do paiz, os reduzem á condição dos eunuchos dos serralhos orientaes.

O tenente Lourenço da Rocha e os soldados portuguezes tiveram que assistir tambem por vezes aos exercicios militares das tropas de Abomé.

Eram elles junto ao palacio de Jobé onde se tinham feito os sacrificios.

Todos os viajantes teem descripto estas extraordinarias festas. N'ellas apparecem sempre os terriveis batalhões de Amazonas.

Algumas vestem uma camiza azul apertada por uma facha azul ou vermelha, e calções largos, brancos, riscados tambem de azul. Na cabeça teem um barrete circular, branco, sobre o qual se vê desenhado um crocodilo ou outro animal. Outras vestem de escuro e teem na cabeça, seguros ao barrete, dois chavelhos compridos. São estas as caçadoras de elephantes. E quando, por entre as altas vegetações espessas se aproximam dos grandes animaes do marfim, estes julgam que ellas são rebanhos inoffensivos de antilopes: usam espingardas pesadas e longas que manejam com grande facilidade e certeza e trazem á cinta um comprido punhal de folha larga.

Os cartuchos, embrulhados em folhas secas de bananeira, cercam-lhes as cinturas, e do pescoço pendem-lhes numerosos collares de feitiços e amuletos.

São as Amazonas os mais habéis artilheiros do Dahomé, e algumas d'entre ellas teem por arma os antigos bacarmates de bocca de sino, que se carregam com metralha.

As raparigas donzellas das melhores familias do Dahomé destinam-se a

Quando muito novas armam-n'as apenas com arcos e flexas que atiram fazendo-as roçar por um largo anel de marfim que teem no braço esquerdo.

As Amazonas fazem votos como as antigas vestaes ou as freiras catholicas: os seus amores com qualquer homem são sempre punidos de morte.

A coragem e a crueldade d'estas mulheres são extraordinarias. Em mais d'um combate teem ellas salvo o rei e as suas tropas, deixando-se heroicamente morrer na frente dos combatentes. Nos assaltos a povoações inimigas são tambem sempre as Amazonas as primeiras. Mas ninguém as excede nas matanças que se seguem ás victorias.

Nas festas militares que simulam combates é espantosa a furia com que as Amazonas correm, com que se precipitam sobre os suppostos contrarios, com que gesticulam berrando desvairadas.

Perante os costumes europeus pôde dizer-se que o tenente Lourenço da Rocha e os soldados portuguezes que o acompanhavam estiveram prisioneiros em Abomé. Mas, seguindo as tradições dos povos d'aquella parte d'Africa, e por isso seguindo as intenções d'elles, deve pensar-se diversamente:

Um branco, como hospede, é no Dahomé, o objecto das maiores attentões. Celebram-se festas em sua honra, come-se, bebe-se extraordinariamente, dança-se e mata-se gente.

Não se permite porém que o hospede se subtraia ás distincções que se lhe conferem. Hade demorar-se por vontade ou por força, hade deixar-se honrar, hade permanecer, como assumpto principal que é d'ellas, junto de todas as festividades que provocou.

O que aconteceu ao sr. Lourenço da Rocha não parece diferente do que tem succedido no Dahomé a muitos outros viajantes. Em 1836 o tenente da marinha franceza A. Vallon e o dr. Repin foram enviados pelo governo de Napoleão III a estabelecer mais estreitas relações commerciaes entre o rei do Dahomé e a feitoria de Uidah. Trocaram presentes importantes e foram os officiaes francezes festejados extraordinariamente, mas conservaram-se sempre guardados á vista, e não poderam sabir de Abomé antes que o rei o julgasse opportuno.

Em 1862, Eusehart negociante hollandez foi igualmente bem tratado mas retido por muito tempo.

O negociante portuguez Ignacio de Magalhães, é que esteve positivamente preso e só por importantes valores conseguiu resgatar-se.

Quando em 11 de fevereiro foi permittido ao governador de S. João de Ajudá regressar ao seu forte, — perto do qual o esperava a canhoneira *Quanza*, que devia reclamar-o, — Ignacio de Magalhães e sua mulher ainda ficavam captivos do rei preto.

A importancia da costa no golfo de Benin e a importancia das regiões a oeste das bocas do Niger é de duas naturezas: primeira como ponto de embarque de oleo de palma, de marfim, e de todos os productos que uma industria extractiva tira d'este como de todos os logares de Africa. A Inglaterra tem já ahi Lagos que é o ponto mais importante sobre que se appoia o Estado nascente de Abeokuta como já disse.

Mas o Dahomé, pouco conhecido ao norte da capital e ao norte da cordilheira do Cong, é talvez o melhor caminho para chegar ao curso central do Niger, á cidade de Tambuctu, o grande e quasi legendario emporio do Sudam Occidental.

Quando em 1836 o tenente Vallon e o dr. Repin visitaram Abomé encontraram, vendendo, n'um bazar, dois homens arabes. Nenhum dos officiaes francezes conhecia a lingua arabe, nem tambem a conhecia o interprete que os acompanhava. Não poderam por isso saber completamente a historia d'aquelles homens nem a sua origem. E' porém provavel que elles tivessem vindo de Tambuctu ou talvez mesmo mais do norte atravez dos caminhos difficéis das caravanas do Sahara.

AS NOSSAS GRAVURAS

SAPHO

Esculptura em marmore
por Simões d'Almeida

A estatueta representada na nossa gravura foi na ultima exposiçao do Rio de Janeiro, premiada com a medalha de ouro, e comprada pela Companhia Fomentadora, para a offerecer ao monarcha brasileiro, como prova de reconhecimento pelos testemunhos de affeiçao que o illustrado soberano dispensou aquelle certamen da arte e da industria portugueza.

N'esta estatueta de Simões d'Almeida revela-se a nobreza da attitudo, a elegancia das linhas e justa expressao do sentimento manifestadas em outras produções já festejadas pelo publico, e parte d'ellas reproduzidas nas paginas do Occidente. A *Sapho*, que hoje damos em gravura, devia entrar, por mais de um motivo, na modesta galeria nacional que o Occidente, em obediencia ao seu programma, tem conglubado n'estas paginas. É uma excellente produçao de primoroso artista portuguez e recorda uma festa em que o trabalho do nosso paiz se affirmou, pelo menos, com certa feiçao de renascimento d'algum modo inesperado.

CACHOEIRA GRANDE DE MANAOS
NO ALTO AMAZONAS

Em diversos numeros do Occidente temos dado a estampa paizagens d'esta região extraor-



MARQUEZ DE HERVAL — Fallido no Rio de Janeiro em 4 de Outubro de 1879

dinaria, uma das mais pittorescas e ao mesmo tempo mais imponentes do novo mundo. A tal proposito nada temos a acrescentar ás palavras que acompanharam as gravuras precedentes. A estampa de hoje representa a Cachoeira grande de Manaos que de certo constitue uma das paragens mais soberbas do impetuoso affluente do Amazonas, tão celebrado entre as maravilhas da natureza.

RAPHAEL ZACHARIAS DA COSTA

O Occidente dá hoje nas suas paginas o retrato de um artista portuguez extremamente notavel, e que tem o seu nome vinculado a obras que lá fóra honram em extremo o nome nacional.

Raphael Zacharias da Costa é o primoroso cinzelador da celebre faca de matto, que tão justa nomeada alcançou ha alguns annos quando foi exposta ao publico, e que depois mais renome obteve quando se perdeu n'um naufragio, de caminho para Inglaterra, sendo arancada por alguns mergulhadores intrepidos do abysmo dos mares.

Zacharias da Costa é natural de Lisboa, aonde nasceu em 1816. Seu pae que era ourives, encaminhou-o na arte que professava. Frequentou a academia das Bellas Artes, dedicando-se aos trabalhos de cinzel para os quaes manifestava uma aptidao extrema, tornando-se eminente n'esta especialidade.

São muitas as suas obras, espathadas hoje por Portugal e



BRAZIL — CACHOEIRA GRANDE DE MANAOS NO ALTO AMAZONAS (Segundo uma photographia)

SUPPLEMENTO AO N.º 46 DO OCCIDENTE

15 DE NOVEMBRO DE 1879

BELLAS-ARTES



1879, Impresso por Lallemand Frères, Lisboa.

OVELHAS E CARNEIROS — QUADRO DE ANNUNCIÇÃO

DESENHO INEDITO DO MESMO AUTOR — GRAVURA DE SEVERINI



RAPHAEL ZACHARIAS DA COSTA — Auctor da face de matto premiada na exposiçõ
portuguesa no Rio de Janeiro em 1879
(Segundo uma photographia de F. Rochini)



COPO DE PRATA CINZELADO POR ZACHARIAS DA COSTA
Pertencente a S. M. El-Rei D. Fernando (Segundo uma photographia)

BELLAS-ARTES



A PROVA DO VINHO NOVO — Quadro de M. M. Borçallo Pinheiro, pertencente a S. M. El-Rei D. Fernando (Desenho do mesmo auctor)

pelo estrangeiro, podendo apontar-se entre as mais notáveis as seguintes:

Um saleiro de ouro, composição delicadíssima, figurando mariscos e peixes. Foi comprado pela falecida rainha D. Maria II.

Um par de castiçais em estylo gothico, encomendados por el-rei D. Fernando.

Ornamentação no mesmo estylo de um sacrario com diversos emblemas e allegorias, encomendado do Brazil e que hoje está na Bahia.

Dois copos medindo 18 centímetros de altura, comprados por el-rei D. Fernando, e dos quaes um figura hoje em gravura nas nossas paginas.

Emfim, uma grande quantidade de objectos de differentes generos e applicações, demonstram a prodigiosa aptidão do primoroso trabalhador, que poucas vezes terá sido excedido na destreza do buril, na suprema verdade e na expressão que imprime á multidão de pequeninas figuras que ao seu sopro de artista se animavam.

Entre as obras da ourivezaria portugueza, como prodigio de cinzel, a faca de matto é uma peça notabilíssima, a que apenas falta originalidade de concepção para ser um trabalho valiosissimo e de um valor incalculavel em todos os centros artisticos.

O copo representado na nossa gravura é tambem uma peça delicadíssima, de um grande primor de execução, capaz de competir com o melhor que presentemente se produz no genero. Escolhemos esta obra de preferencia a qualquer outra por não ter sido até hoje reproduzida pela gravura como acontece, por exemplo, com a *faca de matto* já extremamente conhecida.

Mais de uma vez os estranhos teem tributado justos louvores a Zacharias da Costa, admirando os seus trabalhos e encarecendo-os como prodigios de execução e de suprema habilidade. O Occidente cumpre, pois, um dever, dando hoje a par da phisionomia do artista um specimen da sua obra.

A PROVA DO VINHO NOVO

A nossa gravura é reprodução d'um precioso quadro do distincto artista Manoel Maria Bordallo Pinheiro, quadro que hoje pertence a sua magestade el-rei D. Fernando.

O quadro representa um fidalgo do seculo XVI visitando a sua adega e dispondo-se a saborear o vinho da propria lavra que os *serviças* lançam n'um copo. Os accessorios estão estudados com esmero, mantendo o rigor da epoca a que dizem respeito, e a attitude e a expressão das figuras são verdadeiras. Sobretudo, na do fidalgo ha um ar de nobre abandono extremamente bem estudado.

Esta composição do estudioso artista foi muito festejada quando appareceu ha cerca de onze annos. A imprensa teceu-lhe então justos louvores, descrevendo todas as minuciosidades do quadro, o que nós nos dispensamos de fazer agora, visto apresental-o aos olhos do leitor, se bem que lhe falte a expressão do colorido e do tom que sómente se apreciam no original.

A *Prova do vinho novo* é de certo um apreciavel trabalho que revela notabilissimas disposições artisticas e muito estudo. Vê-se que a arte, não obstante a falta de posto e cultura que caracteriza o nosso publico, ainda tem entre nós cultores dedicados e convictos, a que apenas tem faltado o estímulo para se elevarem ao nivel dos melhores auctores contemporaneos.

INUNDAÇÕES EM MURCIA

Uma terrivel catastrophe affligiu ha pouco a Hespanha, sepultando no luto, na miseria e na dôr uma das suas mais bellas provincias. Aldeias inteiras foram arrazadas, innumeradas casas subvertidas, subindo a centenas o numero das victimas originadas pelo tremendo desastre. O rio Segura e os seus affluentes trasbordando de subito, em virtude de continuas e torrencias chuvas, deu lugar a este lamentavel acontecimento que a caridade dos povos meridionaes procura hoje remediar.

A nossa gravura representa uma rua da cidade de Murcia, no momento supremo em que a catastrophe se pronunciava.

O NOSSO SUPPLEMENTO

Quadro d'Annuniação

Com este numero do Occidente é distribuido aos srs. assignantes a gravura de um dos mais apreciados quadros d'Annuniação, um dos ultimos que elle executou e em que mais se revela a sua maneira artistica. É um quadro de ovelhas e carneiros, tratado com a suprema mestria que assignalava o distincto pintor e lhe dava um lugar á parte.

A gravura é feita sobre um desenho inédito do proprio auctor. A empresa do Occidente fazendo aquisição d'este trabalho, teve em vista brindar os seus assignantes com um specimen artistico, notavel a muitos respeitoes.

O original d'este quadro como muitas outras obras dos nossos mais apreciados artistas, está fóra do paiz. Foi vendido em tempo para o Brazil.

Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas

FESTAS ANTERIORES NA FRONTEIRA

(Continuado do n.º 36)

A D. Pedro succedera D. Fernando o *formoso*. Gentil, fragueiro, amigo dos prazeres, e galanteador, damejava nas salas de sua irmã, a infanta D. Beatriz, de quem era muitissimo afeiçoado. Quanto ao governo do reino, ha do seu tempo muitas medidas e providencias assaz notorias e proficuas. A agricultura, as artes, receberam do soberano salutaes auxilios; mas a politica foi o seu tropeço. Sem a habilidade de D. Diniz quiz envolver-se nos negocios de Castella, e d'ahi resultaram tres guerras funestas com aquelle reino. D. Fernando tentou algumas acções militares, mas de repente deixava tudo e encerrava-se em qualquer cidade, entregando-se aos prazeres da caça e amores de que era assaz querençoso.

As primeiras duas guerras tiveram origem, uma no descontentamento de muitos senhores e fidalgos castellhanos e gallegos contra D. Henrique, quando este retomou posse do reino assassinando seu irmão D. Pedro o *crú*; a outra por querer D. Fernando empossar no reino de Castella o duque de Lencastre, casado com D. Constança, filha do mesmo D. Pedro.

Da primeira ainda conseguimos uma paz vantajosa, da segunda foram desastrosas as consequencias.

D. Fernando não deixou porém de manter relações secretas com os inglezes. Falleceu D. Henrique, e D. João seu filho já havia casado, e tido um filho tambem por nome Henrique, quando D. Fernando tão tardiamente se lembrou ou lhe lembraram, de tirar desforra dos damnos que a Lisboa e ao reino causara o fallecido rei de Castella. Envia João Fernandes Andeiro a Inglaterra, e firma uma convenção com o duque de Lencastre, para vir de novo pleitear no campo, o seu pouco seguro direito. Aquelle voltou, foi encobertamente a Estremoz, conservando-o el-rei escondido n'uma torre onde costumava *ter com a Rainha a sesta*; ali tratava e *fallava* com el presente a Rainha, quaes quer cousas que lhe compria; e algumas vezes se sahia El-Rei depois que dormia, e ficava a Rainha soa, e vinhase João Fernandez pera ella, depois que se El-Rei partia, e fallava no que mais lhe era prazivel, sabendo-o porém El-Rei, e nem avendo nenhuma suspeita, como homem de são coração; e per taes fallas e estadas amehude, ouve Joham Fernandez com ella tal afeição, que alguns que dello parte sabiam, cuidavam d'elles nom boa suspeita, etc.» Assim o conta o velho chronista Fernão Lopes, deixando bem ver que foi então e ali que nasceram os amores do fidalgo gallego com a Rainha.

Tanto que o rei de Castella teve noticia d'estes tratos secretos, tomou a resolução de romper as pazes. Logo o mestre de Santiago com outros senhores, entraram por Elvas e discorrendo oito dias por aquella comarca roubando e saqueando. Gil Fernandes, d'Elvas, que em tempos passados tío distinctas provas dera de bravura fez voltar rosto a outra partida de castellhanos. Pouco depois é destruída a armada portugueza; chegam os inglezes e maltratam os habitantes do paiz; vem a frota de Castella e não se atreve a pelear com as naus inglezas; parte o rei e o exercito para Evora, e D. Nuno Alvares Pereira, enceta a sua epopea por varias acções de arrojo.

Emfim D. Fernando parte com o seu exercito e apresenta batalha ao rei de Castella, que a não aceita, retirando-se, não se sabe bem o motivo porque, naturalmente com receio dos inglezes: *mas de qualquer guisa que scia*, diz Fernão Lopes, *el-rei de Castella foi entom mui prasmado por nom pelear com el-rei D. Fernando, moormente por a ardidez que el e os*

seus mostravam aa rijada, quando chegaram, dizendo uns contra os outros por modo descarinho «E onde vos hijs, compadre?» «Voume apressa, dizia ho outro, defender a minha quintã de tal logar, que logo em Portugal nomeava, que ma nom tomem os Ingreses» «E eu tambem vou defender a minha, respondia».

O que é facto é que logo em seguida o rei de Castella enviou com mensagem ao de Portugal, Pedro Sarmento e Pedro Fernandes de Vellasco, seus privados, e o de Portugal enviou-lhe o conde d'Arrayollos D. Alvaro Pires de Castro e Gonçallo Vasquez d'Azevedo. Primeiro foram estas trocas de enviados secretas, até que se firmou a paz muito vantajosa para Portugal. Ainda esteve para se romper depois de apregoadas, porque el-rei de Castella recusava assignal-a, se não fóra a enérgica attitude do nosso Gonçallo Vasquez e do mestre de S. Thiago D. Fernando d'Azores, que levaram D. João a fazel-a. Um dos capitulos d'estas pazes foi o contracto de casamento do filho 2.º do rei de Castella, D. Fernando, com a infanta D. Beatriz, filha dos reis de Portugal, que pouco antes fóra desposada do conde de Cambridge, depois de o ter sido com outros principes. Em breve morreu a rainha de Castella e este successo veio despertar em D. Fernando, ou na rainha D. Leonor, o que é mais provavel, a ideia de casar sua filha com o rei viuvo. Assim lho enviaram propor por uma luzida embaixada, de que ia por principal emmissario o conde d'Ourem, João Fernandes Andeiro. Tomado parecer com os do seu conselho, aprouve a D. João de Castella aceitar o offerecimento, não obstante, estar a infanta desposada com seu filho.

Celebrado o contracto com as condições convenientes, obtida a necessaria dispensa, desfeitos os desporios anteriores, jurado o tractado, partiu a infanta para a fronteira, a encontrar-se com seu esposo, que a devia vir alli receber. El-rei D. Fernando desde algum tempo soffria dores no corpo (provavelmente rheumatismo), o que parece tambem havel-o determinado a contratar as anteriores pazes, e por isso não poudé acompanhar a filha. Acompanhou-a porem a rainha D. Leonor, sua mãe, com o escol da fidalguia portugueza. Chegou a comitiva a Estremoz onde se demorou alguns dias. D. Joanna, rainha mãe do rei de Castella, veio ali enconral-as. Seguiram ávante e chegando a Elvas, armaram suas tendas na ribeira do Caia, sitio aprazado para as vistas. Escripito o contracto, logo a 13 de maio de 1383, na cathedral de Badajoz foi jurado e firmado pelo rei de Castella com toda a solemnidade. Ao outro dia partiu este com todo o luzimento para a ribeira do Caia, e d'alli para Elvas, a cumprimentar a rainha e receber a sua desposada, tendo antes feito entregar a D. Leonor, seu filho D. Fernando, como refens, segundo a letra do contracto. A ribeira apresentava um aspecto brillantissimo; dois vastos arraiaes de vistosas e galhardas tendas eram assentes proximos um do outro; o regosijo publico animava essa paisagem; o desejo de uma paz duradoura inebriava castellhanos e portuguezes, que bem longe estavam de imaginar, como em breve as festas se converteriam em lucta vehemente.

A infante com as rainhas e a fidalguia portugueza partiram de Elvas a encontrar-se com o rei de Castella; as duas esplendorosas cavalgatas encaminhando-se, das duas margens oppostas, para o valle, formavam um apparato singular. O rei de Castella tendo chegado ás tendas, endireitou a Elvas, a cujas portas encontrando a comitiva real, saudou a infante, e tomando a redea da mula em que cavalgava D. Leonor, encaminhou para o arraial. Chegados á tenda real, logo ahi o cardeal D. Pedro d'Aragão, tomando as mãos dos dois esposos, recebeu d'elles a declaração necessaria.

Em uma das tendas estava ordenada a sala onde haviam de comer os reis, e grande parte dos fidalgos. Á hora aprazada, assentaram-se uns e outros, notando porém D. Nuno Alvares e seu irmão Fernão Alvares Pereira, que lhes miúguava lugar, não obstante serem convidados

para alli comerem. Quando D. Nuno viu que a mesa onde devia ser o seu lugar estava cheia de portuguezes e castelhanos, disse para o irmão: «Nós não temos honra de mais estar aqui, mas parece-me que é bem que nos vamos para as pousadas; pero ante que nos vamos, eu quero fazer que estes que nos pouco prezaram, e riram de nós, que riamos nós delle, e fiquem escarpidos.» Então passeando mui manso, chegou-se ao cabo da mesa, e com o joelho deu-lhe tal encontrão que lhe derribou um pé, deitando-a em terra, o que foi visto perfectamente pelo rei de Castella d'onde estava. Os que a ella estavam ficaram espantados e assombrados do arrojo, e D. Nuno e o irmão como se nada fôra com elles, saíram mui socegradamente da sala, cortejando os reis. O de Castella, quando isto viu, perguntou que homens eram aquelles, e quando lhe disseram, e soube o motivo porque praticaram tal acto, disse: «Sei que se vingaram bem e quem tal cousa commetteu e n'este lugar, sentindo o que lhe foi feito, para muito mais é seu coração.»

Acabado o jantar regressou a rainha a Elvas acompanhada do mesmo modo pelo rei de Castella, e elle voltou ás tendas e recolheu a Badajoz com a esposa. A 17 d'aquelle mez recebeu D. Beatriz em Badajoz na igreja cathedral, onde estavam o arcebispo de Sevilha, os bispos da Guarda, de Lisboa, de Coimbra, etc., com o rei d'Armenia, D. João, mestre d'Aviz, D. Carlos, infante de Navarra, e outros grandes de Castella e Portugal.

Depois veiu buscar sua sogra a Elvas no dia seguinte e foram comer de novo ás tendas do Caia, e assim outros dias, passando-se todos em jogos, justas, canas, touros e mais festas de prazer e folgar, até que o rei retirou para Castella, para acudir a Gijon, mandando primeiro seus caudillos, e partindo elle em poucos dias; e D. Leonor voltou à extremadura onde achou seu marido, bastante doente do mal que cada dia se lhe agravava. O papel que todos representaram n'aquellas celebres festas e visitas, não tardou muito que se trocasse, e o regosijo dos portuguezes em breve se transformou em lucto com a morte do rei, e em cuidados e trabalhos pelos azares que ella acarretou.

(Continúa)

BRITO REBELLO.

ENSAIOS E NOTÍCIAS CIENTÍFICAS

CONSTITUIÇÃO PHISICA DO SOL

V

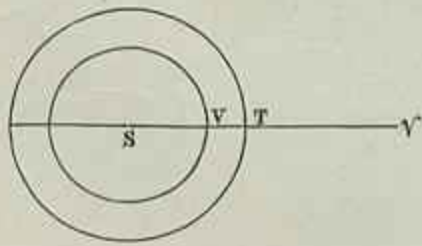
DISTANCIA DO SOL À TERRA

(Continuado do n.º 43)

A indagação directa da distancia da Terra a Venus, no momento da conjunção, pôde servir de base a um methollo inteiramente semelhante ao antecedente, e que por meio de observações e calculos perfectamente analogos nos conduziria à apreciação da distancia da Terra ao Sol.

Succede até que, em relação ao planeta Venus, se realisam duas circumstancias que tornam a observação d'elle mais adequada que a de Marte, a obter com maior facilidade e rigor de aproximação o valor da incognita, e n'ambos os casos indirectamente procurada por meios analogos.

(Fig. 7.º)



Do exame da fig. 7.º em que S é o Sol e os círculos T e V representam graphicamente as órbitas da Terra e de Venus, em proporções idénticas aquellas em que foram representadas as órbitas da Terra e de Marte na fig. 5.º, e da comparação d'estas duas figuras resulta que a distancia VT da terra a Venus no momento da conjunção é menor que a distancia TM da Terra a Marte, em eguaes circumstancias.

O intervallo de duas conjunções de Marte com a Terra é como acima dissemos de 780 dias. O de duas conjunções successivas de Venus é de menos de 584 dias. Repetindo-se assim a mais curtos intervallos as conjunções de Venus com a Terra, do que as de Marte com o mesmo planeta; sendo menor a distancia entre Venus e a Terra do que entre esta e Marte, parece que o primeiro d'estes planetas deveria ser da preferencia escolhido para a applicação do methollo que vamos descrevendo. Não succede porém assim. Para um observador collocado no Sol (fig. 5.º e 7.º) a órbita de Marte é exterior á da Terra, e a de Venus interior. Assim, quando a Terra e Marte estão em conjunção a Terra está entre o Sol e Marte e este planeta projecta-se para o observador terrestre no escuro da abobada celeste. Outrotanto não acontece com Venus que, quando em conjunção com a Terra, é visível para o observador collocado n'esta, em projecção sobre um céu brilhantemente illuminado por fórma que não só o proprio planeta que pretendemos observar é visto em condições de illumination sempre desfavoraveis ao rigor das observações, mas falta-nos a multidão innumera de pontos de referencia (as estrellas de pequena grandeza) que no caso de Marte tornavam sempre possível e facil a medição do arco mm' (fig. 6.º). Effectivamente n'as circumstancias especiaes de illumination do céu, em que Venus é observado quando em conjunção com a Terra, só com o auxilio do instrumento de grande poder optico poderiam tornar-se visiveis outras estrellas que não fôsem as principaes.

Succede porém que nas proximidades da órbita de Venus se não encontra nenhuma d'estas, e que os instrumentos de grande poder optico por meio dos quaes poderiamos encontrar nas proximidades do astro os necessários pontos de referencia são menos adequados ás rigorosas observações de posição relativa (a medida de arcos taes como sm e sm' fig. 6.º) que teriamos de realisar.

O methollo fundado sobre a medida da distancia da Terra a Venus é por consequencia menos valioso em these do que o antecedente.

Sobre observações de Venus porém, basea-se um outro methollo mais perfeito e completo do que qualquer dos anteriores, e do que em seguida passamos a occupar-nos.

(Continúa)

H. DE MACEDO.

JUSTIÇA E... JUSTIÇAS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A morte de Alvaro alarmou a povoação. O velho fidalgo D. Nuno, quando lhe levaram a infausta noticia, afundou a dôr angustiosa nos reconditos do coração e encerrou-se na parte mais intima do palacio, onde não visse ninguém; depois entrou a escabujar em ancias de energumeno, como quem via o filho a reclamar-lhe vingança do limiar da eternidade.

— Ha de ir a enforçar!... vociferava o possesso. O madeiro da forca hei de eu mesmo arrancar-o d'alli!...

E apontava para a matta, onde o vento assoviando por entre as franças dos pinheiros, lembrava antecipadamente os gemidos do condemnado.

A mãe de D. Alvaro já não existia, para haver quem se amerceasse da pobre Thereza do Forno, que, assim que Deus lhe deu forças, correu ao palacio a pedir que a deixassem ajoelhar aos pés do fidalgo a jurar-lhe a innocencia do filho. Os criados, receiando as iras do amo, escorraçavam a pobre mulher que vinha então para casa acolher-se á justiça de Deus, como quem já nada flava da justiça dos homens.

Vicente supportava com semblante sereno o travor agro do encerro. O que mais lhe escurecia a negridão do carcere era saber que sua mãe e Leonor choravam; como era limpo de consciencia, não podia acreditar que lhe prolongassem o captivo para além do julgamento, d'onde contava sair illeso, depois de passado pela fieira das investigações judiciaes.

O leitor dispensa-me de seguir passo a passo o incomportavel martyrio da desditosa Leonor. Era já muito para allivio d'aquelle coração ulcerado o haver-lhe o Vicente asseverado da cadeia que não matára o fidalgo, nem collaborára, por qualquer fórma, na escura tragedia que o metterá a elle entre ferros, enquanto o assassino andava, talvez, aquella hora a de-

liciar-se com o aroma dos fenos ou a escutar os rouxinoes nas ramalheiras.

Isto, porém, não bastava ao socego de Leonor, que presistia em funestos presentimentos, como quem via a pezar na balança da justiça todo o ouro do fidalgo da Varzea, sem descorinar brecha por onde viesse a descobrir-se o verdadeiro culpado.

Por isso se ia definhando dia a dia, ao ponto que o tío, obcecado até alli, reparára, finalmente, no diperecimento da infeliz e promettera-lhe que se interessaria pelo livramento do rapaz, que sairia da enxovia para a igreja a maridar-se com ella.

Leonor sorria-se e abanava a cabeça com apparencias de incredulidade.

Era nas vesperas do julgamento. Leonor, ajoelhada diante da imagem da Senhora dos Afflictos, exorava na immobillidade de um asceta. Aldravaram á porta precepidamente. A namorada do Vicente sobresaltou-se e só então deu signal de vida; em seguida ergueu os joelhos do chão, ao tempo em que a Anna fôra abrir a porta. A Thereza gritava fôra na escada.

— Livre, está livre o meu filho!

Leonor a nparára-se a uma cadeira para não cair; trouxeram-lhe agua. A Thereza e a Anna comprimiam-se abraçadas uma á outra.

— Mas conte-me cá, sr.º Thereza, — perguntava a do boticario — então elle, pelos modos, não chegou a ir ao tribunal?

— Não senhora. Ora eu lhes conto... Então porque chora, menina Leonor? o que lá vae, lá vae.

— Deixe-a chorar, sr.º Thereza que é de alegria.

— Não, que a alegria tambem pode matar, confirmou a mãe do Vicente.

Ao tempo vinha entrando o boticario envolvido n'um chambre a informar-se do acontecimento.

— Oçam, oçam; eu lhes conto — insistia a mulher do Esteves — Imaginem que estavam na taberna do Matheus estes tres: o José Ferrador, o marido da Côxa e o Miguel Tanociro. Entraram a fallar do meu Vicente, palavra puxa palavra, e diz o Ferrador: «O' rapazes saibam vocês que quem matou o fidalgo não foi o do Forno.» «Então quem foi?» «Isso agora não sei eu, mas não foi o Vicente.» Vae o Miguel e diz-lhe assim: «O' sr. José se você sabe quem foi e não o diz mette a sua alma no inferno, que o rapaz está a padecer innocente.» De que se ha de lembrar o Matheus? Corre entremettes, lá dentro e diz á cachopa: «Vae depressa chamar o sr. regedor e não digas a ninguém ao que vaes... olha, e que não venha só. Com pouco, chegou o regedor. O Matheus esperava-o cá fôra e fez-lhe signal que escutasse, ao tempo em que o José dizia para os outros: «Não; que se ha de ir para as costas d'África algum que tenha mulher e filhos, antes elle que é rapaz e ha de gostar de vêr terras.» Que lhe parece o melro, ó sr.º Anna? Palavras não eram ditas, entra o regedor e dá-lhe voz de preso. «Porque estou eu preso, ó sr. Antonio?» «Depois saberá porque é.» «O' sr. regedor, voltou o ferrador, não me mande prender que quem matou o fidalgo foi o José do moinho.» Contou então que ouvira o tiro na azinhaga, que endireitára para lá, que topára com o José a tomar-lhe o passo e que este lhe dissera: «Matei agora o fidalguinho da Varzea que me queria deshonrar a filha, se eu sei que algum boqueja no meu nome, ainda levo aqui com que cortar a palavra na garganta a quatro, e acenava com a clavina. Vae o regedor disse-lhe que se despachasse, que não havia tempo para demoras, e mandou no entretanto rondar o casal para fígarem o José do Moinho quando elle fosse a sair para o trabalho. Catrafilaram-n'o esta manhã; o homem confessou tudo, e agora o meu Vicente vae ser posto na rua.

— Foi a Senhora dos Afflictos, Leonor, não te dizia eu? — lembrava a Anna do sargento.

— Foi a justiça de Deus que em nada se parece com a justiça dos homens — sentenciou gravemente Joaquim Bentes.

A Thereza despediu-se.
 — Vou para casa abraçar-me ao meu homem, em quanto me não dão o filho. E agora, minha menina, nada de tristezas.
 A saída encontrou ansa para dizer-lhe baixinho:
 — O que tem de ser ao tarde seja ao cedo; nada de pannos quentes. Adeus, sr.^a Anna, adeus, sr. Joaquim.
 — Saude e felicidades.
 Foi mandado archivar o processo que pronunciava o Vicente do Forno, instaurando-se novamente contra o José do Moinho. A confissão do réo era bastante a indigital-o, ainda quando

lhe não estivesse pesando o depoimento do ferrador.
 Vicente ao sair da cadeia, vinha entanguido pela humidade do carcere. Joaquim Bentes permittiu-lhe que aquecesse os membros enregelados no tepido ambiente em que vicavam as caricias de Leonor. Logo que ambos recuperaram a saude esvaída nos agastamentos de um viver atribulado, foram vistas abrir-se de par em par as portas da capella para darem entrada a Vicente e a Leonor que penetraram n'ella separadamente; quando, corridos momentos, appareceram no adro, eram já *duo in carne una*, consoante reza o Evangelho.

Post tot tantosque labores! — repetia o cura, em cujo cerebro ainda lampejavam remeniscencias dos bons dias da universidade.
 Quando, ha tempos, encontrei o filho de Vicente e de Leonor, proximo a bacharelar-se em direito, tive vontade de perguntar-lhe se tencionava seguir a magistratura, e, no caso da resposta affirmativa, apontar-lhe para a historia que ahi fica narrada e pedir-lhe que, no percurso da sua carreira de magistrado, houvesse de ter mão nas bridas, sempre que as orças da opinião publica ameaçassem de despejar no abysmo algum infeliz como seu pae.
 Coimbra, 1879. SILVA RAMOS.

INUNDAÇÕES EM HESPAÑHA



ASPECTO DE UMA RUA DE MURCIA POR OCCASIAO DAS INUNDAÇÕES DE 15 DE OUTUBRO

BIBLIOGRAPHIA

HISTORIA DE PORTUGAL, por J. P. Oliveira Martins (Livraria Bertrand, Lisboa. 2 v. 8.^o). — Repetidas vezes o OCCIDENTE tem tido occasião de se occupar das obras do auctor da Bibliotheca das Sciencias Sociaes, empresa em que a Livraria Bertrand, continuando a bella tradição da casa editora dos livros de Herculano e de Garret, se empenhou. Na historia da nossa litteratura contemporanea a casa Bertrand tem um lugar eminente.

A Bibliotheca, principiou pela Historia da Civilisação Iberica, livro acolhido por todo o publico, pelos sabios e pelos não sabios, com verdadeiro applauso. Continúa agora com a Historia de Portugal e promette-nos um Portugal Contemporaneo, de que decerto carecemos todos, porque não ha duvida que as linhas fundamentais da nossa politica não são bem comprehendidas e que o conflicto das opiniões partidarias faz esquecer o proposito necessario, commum a todas as facções politicas.

A Historia de Portugal que se publica agora responde aos desejos de todos os que sentiam a falta de um livro serio e vivo ao mesmo tempo, onde cada um de nós pudesse aprender o que foi Portugal. Escusado é dizer que tal livro não existia. As historias de Herculano e de Rebello da Silva são fragmentos; e a do sr. Pinheiro Chagas é volumosa de mais, diffusiva; e, consinta o illustre escriptor que o digamos, falta-lhe o sicerce de um principio organico: é mais uma chronica do que uma historia, embora as opiniões

personaes do auctor intervenham a cada instante para applaudir e condemnar os actos dos personagens.

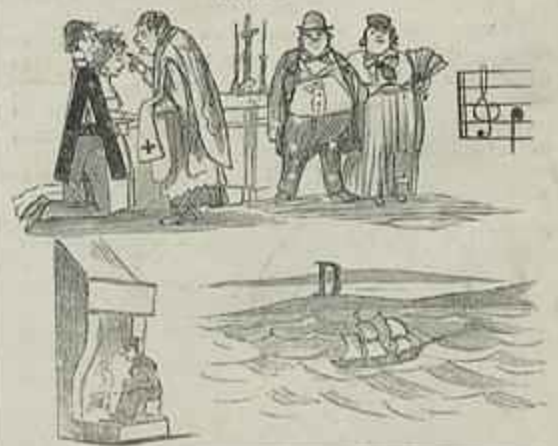
O sr. Oliveira Martins segue inteiramente um processo diverso. Observa e descreve, não julga; empunha o historial do anatomista, não a fêrula do pedagogo. Este processo, hoje universalmente preferido, tem a incalculavel vantagem de deixar livre o juizo do leitor: elle julga, o escriptor expõe e pinta. Para bem comprehender a historia, não basta, com effeito, contar, é necessario pôr em relevo as condições do meio, e as physionamias dos personagens. A historia é a comedia humana, e os processos são já hoje os mesmos para o romance. Differem os assumptos, differe a occasião, não differe, não pôde differir a maneira de estudar os homens.

Por isso a Historia de Portugal do sr. Oliveira Martins é um livro concebido com felicidade, executado com maestria. A unidade do pensamento, a clareza com que as causas determinantes dos acontecimentos são expostas, a lucidez com que os effeitos se deduzem, o pittoresco das descripções, o estudo dos caracteres fazem da nova obra do sr. Oliveira Martins um livro que, por certos lados, excede tudo o que conheciamos já de uma penna tão amiga do trabalho.

Pôde afoitamente dizer-se que pela primeira vez a Historia de Portugal foi comprehendida e escripta de um modo vivo e conciso; tinhamos até agora ou secos resumos para uso das escolas, ou livros eruditos, e pesados para o commum dos leitores. A Historia de Portugal não é uma nem outra cousa: a sua leitura interessa como um romance, as situações encadeiam-se e deduzem-se como n'um drama, — a historia é verdadeiramente um drama; — e ao mesmo tempo sente-se a realidade dos quadros no realismo sobrio do

desenho, na originalidade pittoresca das observações. O publico lerá e applaudirá decerto, F. G.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.^o antecedente: Está na aldêa não vê as casas

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES Typ. LISBOA 6, Rua do Thezouro Velho, 6